

GATTAI, Zélia. *A casa do Rio Vermelho*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Aos 82 anos, Zélia Gattai traz ao público mais um livro de memórias, um texto que nasce sem a segurança das anotações, ao sabor de uma remexida na “gaveta dos guardados”. São imagens nítidas de mais de 40 anos de vida em comum com o escritor Jorge Amado, pequenas histórias articuladas por uma certa preocupação cronológica que poucas vezes cede às associações anacrônicas da memória. O eixo de ligação dessas reminiscências é a casa do Rio Vermelho, que dá título ao livro e que serve de moradia ao casal em Salvador, na rua Alagoinhas, nº 33, de onde se vê o mar, a Igreja de Santana e, sempre no dia 2 de fevereiro, a famosa procissão de barcos em homenagem a Iemanjá. A bela residência e Jorge Amado são os personagens principais. Não poderia ser de outro modo: num determinado momento do relato, quando lembra de sua fase de *marchand* dos pintores da Bahia, Zélia não teve dúvida: largou o negócio de sucesso, pois ele roubava seu tempo de se “ocupar de Jorge”.

Nas suas descrições, Zélia abre as portas da casa e vai mostrando aos convidados as histórias armazenadas em cada ambiente, em cada objeto, nos cheiros que vêm da cozinha, nos quadros que ganhou dos amigos. A construção da moradia, no início dos anos 60, tempo agitado de Jango, é acompanhada passo a passo pelo leitor, em meio ao cotidiano intenso do casal, a voz e as tiradas baianas de Jorge, seus compromissos editoriais e seu desespero de vestir o fardão para a posse na Academia Brasileira de Letras (1961). Desde o início, a casa foi um projeto dos Amado, com a interferência direta da mão e do

olho de artistas plásticos, entre eles Carybé, “compadre” onipresente na memória. A plantação do jardim tirou a vista sobre o Rio Vermelho, mas rendeu uma quantidade de verde, de cores e de frutas. Ali, ouve-se claramente a voz e o tempo lento de Seu Zuca, o jardineiro, suas breves cartas que descrevem o crescimento das árvores, as oscilações do sol e da chuva.

O livro está impregnado desse sotaque regional, principalmente da religiosidade que marca o cotidiano e a visão de mundo do casal. No jardim, encontra-se um Exu, orixá forte que, a partir das instruções da mãe-de-santo, precisa ser apaziguado todas as segundas-feiras por um banho de cachaça, uma das rotinas de Zélia. É ao ar livre que Jorge Amado cria. Sua companheira constrói belas descrições de como o romancista dá conta de seu ofício. A brisa do mar convida à preguiça, ao balanço da rede e à escuta das histórias dos empregados, das visitas. A residência, obviamente, possui um gabinete de escrita, mas não é ali que Jorge cria figuras como Gabriela, Tieta ou Dona Flor. Para escrever, gosta de sentir o vento no terraço, e seu gato Nacib foi perfeito como peso de papel. Nos dias de chuva, a mesa de trabalho se desloca para uma das extremidades da mesa de jantar, em meio ao burburinho dos telefonemas, da campanha da porta, das baianas no fogão. O exercício da arte culinária é uma constante no dia-a-dia e na casa recheada de eventos. Se Paloma, a filha do casal, escreveu livros de cozinha baseados na obra fictícia do pai, Zélia descreve dezenas de almoços e jantares, não só no seu endereço.

Nesse espaço em que se desenrola um tempo privado e repetitivo – manhã, tarde e noite – a autora registra pequenas histórias de figuras públicas. Perto da piscina, ela gravou as músicas infantis de Vinicius de Moraes cantadas para seus netos. Após a morte do poeta, essa gravação salvou as obras, hoje tão disseminadas, do esquecimento. Zélia também relata a construção da casa da praia de Pedra do Sal, rua do Lagarto Azul, 1000, onde os dois passaram um ano escrevendo: ele, *Farda, fardão, camisola de dormir*; ela, *Anarquistas, graças a Deus*, seu primeiro livro, que conta as histórias de infância de uma filha de imigrantes italianos e anarquistas em São Paulo do início do século. Jorge Amado se esquivou de um volume de memórias, preferiu uma edição de apontamentos, *Navegação de*

cabotagem – apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei, um texto iniciado no seu apartamento parisiense e que teve a família, principalmente Paloma, como organizadora cronológica de tantos fatos lembrados no atropelo.

Um tom melancólico marca o final do trabalho de Zélia Gattai, sobretudo pelo desaparecimento da maioria das figuras que povoam os ambientes reconstruídos pela lembrança. A casa do Rio Vermelho parece mais quieta, diminuiu a circulação de gente, Jorge Amado precisa de descanso em função da saúde abalada. Mas dentro da habitação, abrigo de vida e morte, os dias seguem seu curso trivial, marcado pelas conversas regulares com o jardineiro, os mesmos assuntos de sempre, tão parecidos com os diálogos dos anos 60, quando a casa dos Amado começou.

Cida Golin
PUCRS